

Martin Heidegger – Ser e Tempo II, Parágrafos 72 a 75 - Breves Comentários

Nilo Vale¹

Resumo: Embora sendo pouco conhecido nos meios acadêmicos, tanto da Psicanálise quanto da Psiquiatria, Heidegger oferece a ambos uma enorme colaboração com os seus pensamentos que oferecem uma visão do sujeito no seu “modo de ser”, particularmente para essas disciplinas aqui citadas. A título de exemplo temos a essência do modo humano de “ser”, o Ser aí com a existência nele mesmo, como também, a diferenciação da vivência da morte e a experiência da morte. O Ser estar no mundo, isto nos remete um tanto a Albert Einstein em sua célebre obra Como Vejo o Mundo, ou seja, como me disposto diante do mundo. Na Psicanálise, como na psiquiatria, na “pulsão” de morte o suicida não busca um acabamento da sua existência, mas sim uma “saída” do problema, um afastamento da questão que lhe aflige naquele instante, o vigir da questão. Por fim, cabe a nós Professores de Filosofia pesquisar mais o assunto e passar para os seus alunos, principalmente aqueles que ministram aulas fora das de formação em Filosofia.

Abstract: Although little known in academic circles, both in psychoanalysis and Psychiatry, Heidegger offers both an enormous collaboration with their thoughts that offer a view of the subject in his “way of the subject in his “way of being”, the Being there with the existence in himself, as also, the differentiation of the experience of death and experience of death. Being in the world reminds us somewhat of Albert Einstein in his famous work How I See the World, that is, how I AM prepared for the world. In Psychoanalysis, as well as in Psychiatry, in the “drive” of death, the suicidal person does not seek an end to his existence, but rather a “way out” of problem, or a departure from the issue that afflicts him at that moment, the issue that afflicts him at that moment, the vigilance of the issue. Finally, it is up to us Philosophy Teachers to research the subject further and pass it on to their students, especially those who teach classes outside of philosophical training.

¹ Economista formado pela Faculdade de Economia e Finanças do Estado do Rio de Janeiro – 1973. Agosto de 1993- convidado a participar, pela FCE, do Projeto “Ocupação das Encostas da cidade do Rio de Janeiro” – UERJ/FAPERJ/Prefeitura do Município do Rio de Janeiro – tendo participado como Coordenador da Pesquisa de Campo no Morro dos Macacos. Convidado a ministrar aulas de Introdução à Economia I e II, Economia Brasileira e Métodos quantitativos. Ministrou aulas de Economia para Oficiais Intendentes da Marinha do Brasil no CIAW - Centro de Instruções Almirante Wandenkolk no Convênio UERJ (FAF – Faculdade de Administração e Finanças). Elaboração e montagem do curso de Gerenciamento de Projetos, Coordenador Adjunto; FCE/CPUERJ. O curso encontra-se ativo, aguardando apenas a passagem da pandemia. IFCH – Mestrado em Filosofia com a Dissertação: Karl Marx, uma Contribuição Econômica Filosófica – 1999. Orientado pelo Professor José Sotero Caio. Graduação em Filosofia com a Monografia em Karl Korsch, orientado pelo Professor Olinto Pegoraro. Convidado pelo Professor Paulo Pavão a ministrar aulas de Filosofia, na UDA Psiquiatria aos alunos residentes em Psiquiatria. Coordenador Geral do Projeto de Atendimento de Referência aos Menores em Conflito com a Lei no convênio UERJ/DEGASE – Departamento Geral de Ações Sócio Educativas. Primeira formação Psicanalista em 2008 e participação na montagem do Curso de Extensão em Psicanálise/Psicoterapia Individual (com atendimento em serviço). Também atuando como Professor. Segunda formação em Psicanálise: EBPMF – Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano. Terceira formação e Membro da Escola: Corpo Freudiano, Escola de Psicanálise.

Introdução

Ser e Tempo (*Sein und Zeit*), obra produzida por Martin Heidegger em 1927, que tem como objetivo determinar o sentido do ser (ontologia, mediante a análise fenomenológica das diferentes modalidades de nossa presença no mundo de nosso *Dsein*: “ser aí,” “existência,” ou “presença”). O sentimento original da existência o homem percebe na angústia, pela qual se compreende como ser para a morte. Ao refletir sobre sua condição de *Dasein*, esbarra com a contingência de seu nascimento (passado) e com a inelutabilidade da morte (futuro). O resultado é o sentimento autêntico da finitude, real condição humana.

Dentro dos nossos entendimentos, procuramos demonstrar como vimos nas questões desses parágrafos do Ser e Tempo II - Quinto Capítulo – Temporalidade e Historicidade, onde o autor procura elucidar a questão do Ser, que é a questão mais fundente e mostrar também um caminho do sentido originário do pré-conceito, ou seja, o princípio do conceito.

Queremos colocar ainda as dificuldades que encontramos na elaboração deste texto, pois se trata de uma leitura extremamente densa e que o autor utiliza vários recursos e profundidades, e que, em muitas das vezes não se conseguir alcançar com os nossos poucos conhecimentos sobre o autor por ser um pensador muito extenso e com questões extremamente profundas. Mesmo assim procuraremos mostrar aqui a relevância dos seus trabalhos, que dentre outras questões, seria a de como nos colocamos diante do mundo, como nos abrimos para o *acontecer* e como lançarmo-nos para as possibilidades. Heidegger expõe as questões da Temporalidade e Historicidade e que nos chama a atenção a respeito de que “o homem é o que põe em questão de si mesmo e este ente é essência, que é o *existir*”.

Segundo ele, a morte não é um acabamento para aquele que morre e sim para aquele que fica no mundo. Enfim são questões que se pode apenas descrever sumariamente, pois estas exigem que sejam estudadas com maiores cuidados e com muita profundidade. Por fim, gostaríamos de ressaltar que expusemos apenas os parágrafos 72 a 75, por questões até do nosso propósito de não ser extenso, até por ser apenas um artigo.

Parágrafo 72 - A exposição ontológico-existencial do problema da história.

Heidegger trabalha no *Da Sein*, o nascimento e a morte. Ele menciona também como fica a questão do *entre* nascimento e morte. O *entre* dar-se-á também através do tempo.

O conceito de *Da Sein* é um ser para a morte, sendo o *Da Sein*, o lançar-se aí, ele é o lançamento da possibilidade pura porque somos lançados aí, assim então somos para o aí. Deste modo, pode-se haver uma impossibilidade de ser impossibilidade, e que há a diferença entre experiência da morte e vivência da morte.

Então, abrir-se *para* é a historicidade. Assim, desde o nascimento, *Da Sein*, está-se para morrer, porque a qualquer momento se pode deixar de ser. Deste modo, a vivência da morte passa a ser a vivência de um modo de ser. Assim a vivência da morte só podemos ter nós mesmos. A experiência da morte passa a ser a do acabamento do outro. Por esta razão, a vivência da morte não é a vivência de um acabamento. O acabamento é para a experiência porque o outro está no mundo que eu estou e a saída deste mundo é um acabamento para mim. Porque quem morre não acabou, porque não tem a experiência de um acabamento. Pois, na vivência ele permanece. Há a possibilidade de muitos *aí*s, o autor deixa essa questão em aberto.

Dentro destes seus escritos ele diz que só se escreve uma história quando não se sabe o seu final, é isso que ele quer dizer que se perde o sentido saber-se do final antes de se começa, esse, assim entendemos, é o grande mistério da vida.

O fato de ser um ser para a morte é abrir-se para uma nova possibilidade, porque todos nós desde que nascemos já somos uma possibilidade. A morte é apenas o “fim” da pre-sença e o outro “fim” é o princípio de outro nascimento, ou seja, o acabamento não é um acabamento e sim um novo começo. No primeiro ato do nascimento já implica o fim, ser para o fim significa historicidade, ocupar-se de preocupar-se, fundar entidade. Ser *aí* significa construir um mundo próprio, nós somos *aí* desde o nascimento. Isto significa também compreender, captar o mundo próprio do outro; em cada ato do outro está todo ele, em cada parte do *aí* está um todo. O preocupo-me ocupo com o *pré*, com que está por vir, a antecipação de algo que ainda virá.

Assim dizendo, não podemos viver o passado e sim o presente, o agora; o passado já foi vivido o futuro está por vir, por esta razão, não são ou ainda não são reais; por conseguinte, não podemos fazer uma análise ontológica da extensão da pre-sença entre nascimento e morte, porque a pre-sença não existe como soma de realidades das vivências do aqui-agora que aconteceu e desapareceu uma após outra; afastando-nos de uma vivência para outra, estamos nos afastando da vivência presente, nos afastamos de algo para nos ocupar com outro algo; quando nos lançamos, nos lançamos para uma condição própria; fugimos a cada momento, por esta razão, nós sempre seremos fugas constantes. Como diz Heidegger:

Esse após o outro também não chega a preencher aos poucos uma moldura. Pois como seria possível dar-se simplesmente uma moldura, de vez que só é ‘real’ a vivência ‘Atual’ e que estão faltando os limites da moldura, quais sejam, nascimento e morte, entendidos como o que passou e o que está em advento da realidade? (HEIDEGGER, Martin; Ser e Tempo II, p. 178).

Tal como se a história, que inexistente sem ter o seu fim. Como a pre-sença é agora, ou seja, realidade momentânea, ela não pode preencher sem um trajeto da vida, nem mesmo aquele

momento já passado, a pre-sença é ela mesma e sendo ela mesma já existe o “entre” que já remete o nascimento e morte. E, diz Heidegger:

(...) a pre-sença só existe nascendo e é nascendo que ela já morre, no sentido de ser-para-a-morte. Estes dois “fins” e o seu “entre” *são* apenas na medida em que a presença existe de fato, e *são* na única maneira possível, isto é, com base no ser da presença enquanto cura. Na unidade do estar-lançado e do ser-para-a-morte, em sua fuga (sair a cada momento, nós somos fugas constantes) (HEIDEGGER, Martin; Ser e Tempo II, p. 179).

No pensamento estamos sempre fugindo de qualquer limitação. Existir é fuga e antecipação, é que nascimento e morte formam um “contexto” do todo do caráter de pre-sença. Enquanto cura (zelo), a pre-sença é o “entre”. Enquanto eu me ocupo eu fujo e me antecipo e neste movimento cuido de... e construir uma unidade, porque eu sou uma unidade possível. Nós construímos o nosso mundo próprio, estamos sempre podendo ser de alguma maneira. Por isso, sempre podendo ser algo, e não se dá em cima daquilo que foi dado e sim sobre aquilo que sempre podemos ser; como diz Heidegger: “ela se determina pela ex-tensão da pre-sença”. Ele chama de *acontecer* da pre-sença a ex-tensão da pre-sença “e o *acontecer* da pre-sença é a movimentação específica deste *estender-se* na *ex-tensão*. No caso, o *acontecer* é aquilo que nos foi possível ver; nós somos um *acontecer*. Somos uma unidade possível. A partir do momento em que abrimos a *estrutura do acontecer*, bem como as suas condições existenciais e temporais de possibilidades de uma compreensão *ontológica da historicidade*. Por outro lado, a historicidade é que nos dá conta do acontecer, daquilo em que implica a realidade. Já a história é a objetivação da historicidade; a possibilidade pode ou não acontecer, porque não é causa, por esta razão, o existir é uma possibilidade, nós somos possibilidades pura. Há uma impossibilidade de ser aí. Assim, o que nos interessa é como acontece a história; para que haja história tem que haver uma unidade possível - tem que se saber até onde é possível ser. Por exemplo: um suicida quer sair para uma outra situação e não a busca do acabamento, quer mudar, fugir para uma outra condição. Já o existir é abrir-se para, desentranhar-se de, ir à busca de novas possibilidades; isto também nos diz que não somos e sim estamos, ou melhor, estamos sempre afeitos às mutações, transformações, em busca de possibilidades; por outro lado, não acabamos e sim nos transformamos, nos transportamos para novas situações; o acabamento, ou o fim, não é um fim e sim um outro começo. Assim como o nascimento é o início para a morte e esta morte é o início para um outro nascimento.

Voltando então à análise dessa movimentação e permanência nos *agora*, ou seja, mudança nos *agora*, nos deparamos com a questão do tempo; o tempo é sempre próprio, não existe um tempo geral, assim sendo, esse tempo é o *aí*, o agora que nos conduz a uma consciência da consistência do si-mesmo, “determinado como o quem da pre-sença”, como diz

Heidegger, a pre-sença só é de fato real na existência. E diz mais: “a autoconsciência é um modo de ser na pre-sença, fundando-se, por conseguinte, numa temporalização específica, da temporalidade. A análise do acontecer conduz aos problemas de uma investigação temática da temporalização como tal”. Como o tempo é próprio e não geral, vemos que um fato histórico tem o seu lugar específico, o seu *agora*, este fato não se pode repetir; um fato cívico e podemos repeti-lo a toda hora, uma experiência científica também, mas para sabermos um fato histórico é necessário que penetremos na temporalidade (que, segundo Heidegger): “o futuro não é posterior ao passado e este não é anterior ao presente. A temporalidade se temporaliza como futuro-que-vai-ao-passado-vindo-ao-presente” e somente a partir desse desenraizamento é que se poderá verificar qual a maneira que a história poderá tornar-se possível objeto da historiografia, ou melhor, partir das fronteiras últimas para se verificar o realmente acontecido, ou realmente existido, cujos domínios não são atingidos pela história científica. Já a historicidade deve esclarecer, a partir da temporalidade, o caráter que é histórico dentro do tempo originário, que é o tempo que funda todo o existir e para se atingir a essência se torna necessário estabelecer um método de fundamentação da ciência histórica para que se tenha uma constituição rigorosa na investigação, ou seja, um retorno às coisas mesmas ou aos fenômenos do efetivamente ocorrido, guiados por métodos rigorosos em busca do originário, daquilo efetivamente ocorrido dentro de um tempo não cronológico.

Segundo ainda Heidegger, “uma caracterização dos conceitos vulgares de história orienta a investigação no âmbito dos *momentos* que são comumente considerados essenciais à história. Aqui se deve elucidar o que, originariamente, se chama histórico; com isso se determina o lugar da inserção para se expor o problema ontológico da historicidade”. Isto significa dizer que se torna necessário trabalhar este *entre* passado-presente-futuro, ou mais ainda, nascimento -----entre-----morte, pois este é o ponto de partida para a elucidação dos fatos ocorridos efetivamente, sem o qual, não teríamos forças argumentativas necessárias para defender a existência ou a ocorrência do fato real na existência, ou seja, a sua pre-sença. A partir de então, se obtém o fio condutor para a efetivação de uma análise da consistência do sentido próprio da construção existencial da historicidade, que segundo Heidegger “o projeto existencial da historicidade da pre-sença só chega a desentranhar o que já está entranhado na temporalização da temporalidade”, ou seja, só chega a desvendar aquilo que está vedado no *ai agora*, no sentido passageiro; e, como diz ele, “correspondendo ao enraizamento da historicidade na cura, a pre-sença sempre existe, como algo historicamente próprio ou impróprio”. O que significa dizer que corresponde à fixação da historicidade em uma

consistência de algo que pode ser verdadeiro ou não do fato real da existência. E diz mais que *a cotidianidade* para analisar a pre-sença como historicidade se mostra imprópria da pre-sença, ou seja, a cotidianidade por ser mutativa implica em habitualidade de mudanças.

A história é apresentada a partir da exposição e o entendimento dos fatos e mediante isto, nascem as condições de possibilidades. Os fatos históricos vêm a partir destas exposições, ou seja, os fatos, na medida em que são expostos e interpretados, nascem as possibilidades das possibilidades, ou mais, a permissão para o *acontecer*. No entanto, à medida que se abrem as possibilidades, criam-se novas possibilidades de interpretação da historicidade existencial, melhor ainda, a historicidade da pre-sença. Somente a partir dessa abertura para a interpretação é que se pode traçar um caminho que nos leve ao entendimento da historicidade da pre-sença. Como diz Heidegger: “a análise da historicidade da pre-sença busca mostrar que esse ente não é temporal porque se encontra na história, mas, ao contrário que ele só existe e só pode existir historicamente porque, no fundo do seu ser, é temporal”. Isto quer dizer que este ente é temporal porque é possibilidade e a possibilidade se dá de acordo como nos postamos diante do mundo, por esta razão, este ente não é ele *está*, ele pode acontecer ou não. E por isto, segundo Heidegger: “a pre-sença deve ser chamada de ‘temporal’ também no sentido de ser e estar no ‘tempo’. Mesmo sem uma construção historiográfica dos fatos, a pre-sença, de fato precisa de se valer de calendário e de relógio”. Isto significa dizer que essa pre-sença é “temporal” porque esse tempo é cronológico, não o tempo em si mesmo, o tempo natural (tempo = o tempo quanto dura a natureza para fazer alguma coisa - não mensurável por nós. P.ex. o tempo o quanto leva a natureza para “fazer” alguma coisa).

Parágrafo 73 - A compreensão vulgar da história e o acontecer da pre-sença

Como diz Heidegger: “a primeira meta é encontrar o lugar em que se deve inserir a questão originária sobre a essência da história”. Isto quer dizer que a construção verdadeira da história, ou seja, na sua originalidade, porque o termo história é ambíguo; a história é constituída de relatos, análises, pesquisas, etc., utilizando artifícios dos historiadores, porque a história pode significar tanto a realidade histórica como a ciência histórica. História dos entes com o passado pode não ser aquele que foi na realidade, pode ser um relato ou interpretação de fatos; já a realidade histórica é aquilo que já se passou; p. ex.: quando dizemos que não podemos escapar da história é quando se está ainda surtindo efeito, as condições ocorridas naquele passado ainda persistem; ex.: ainda persistem os efeitos dos bombardeios nucleares em Iroshima e Nagasaki; um efeito histórico e outro físico ou biológico; ou mesmo como exemplifica Heidegger: “as ruínas de um templo grego. Com ele, um” pedaço do passado “ainda está” presente “. Diz mais,

o que” tem história “encontra-se inserido num devir”. O que significa dizer que: o que tem história está sujeito a passagens - por gerações, destruições, alterações, pelos aumentos ou diminuições, movimentos, etc. - a potencialização, do acontecer, das possibilidades de ser, etc., tudo isto está inserido em acontecimentos, determinando-se em passado, presente e futuro, como diz Heidegger: o que desse modo “tem uma história” pode, ao mesmo tempo, “fazer” história. É “fazendo época” que, no “presente”, se determina um “futuro”. Ou seja, é na determinação do sentido a ser traçado é que se projeta para um “futuro”, esse “futuro” é “feito” a partir de como nos colocamos diante deste “presente”. Isto significa dizer ainda, que a história é formada mediante estas passagens que causam as transformações desses entes, bem como a sua cultura; a vivência diante desse acontecer nos coloca diante das possibilidades de ser.

Por fim, diz Heidegger: “vale ainda como ‘histórico’ o que é legado na tradição, quer seja conhecido histograficamente ou admitido como evidente ou ainda velado em sua proveniência”. Isto significa dizer que: vale como histórico o que é dado à tradição, aquilo que já vem conhecido e que nos é passado, velado ou evidente de sua origem; é aquilo que nos é revelado como sendo verdade e que ainda influi na nossa história.

O que vemos neste parágrafo é a questão de se analisar o que é presente e passado. Isto seria dizer que o passado enquanto está presente ele ainda permanece como presente? A nosso ver, tudo aquilo que ainda “está presente” ele ainda é presente e não um passado, pelo simples fato de ser passado, mais ainda, influir no presente, ao passo que ele sendo passado e não influir no presente ele então é passado. Esse passado que *vigora* como diz Heidegger: “em sentido rigorosamente ontológico, a pre-sença, que não mais existe, não passou, porém, *vigora por ter sido pre-sente*. As antigüidades ainda simplesmente dadas possuem um caráter” passado “e histórico, com base em sua pertinência instrumental e proveniência de um mundo que vigorou numa pre-sença que vigora por ter sido pre-sente”.

Finalizando, dentro da análise heideggeriana, o ente não fica “mais histórico” levando-o a um passado mais distante, a fim de evidenciá-lo, por ser o mais antigo, por isso seria o mais propriamente histórico. Como ele diz: “o intervalo temporal” entre o agora e o hoje não tem, por isso, nenhuma importância constitutiva e primária para a historicidade deste ente propriamente histórico. Não porque ele não esteja “no tempo, melhor dizendo, sem tempo, mas porque ele existe de *maneira tão originalmente temporal*, que, de acordo com a sua essência ontológica, jamais pode ser algo simplesmente dado “no tempo”, que vem e passa“. Isto vem dizer que o ente independe do tempo, estar ou não no tempo, mas sim devido à sua essência ontológica, é o que determina o seu sentido histórico.

Parágrafo 74 – Mostra como se articula “ser para a morte” e “Destino”

“A pre-sença de fato sempre possui a sua história, e pode possuí-la porque o ser deste ente se constitui de historicidade”. Isto significa dizer que o ser da pre-sença é a sua consistência, do caráter de tudo aquilo que é reconhecido como tendo realmente acontecido ou realmente existido em seu passado. Temos ainda como exemplo, a condição da existência humana que, embora comprometida com o tempo, e solidária com o passado histórico, define-se por sua projeção livre no futuro. A análise da historicidade da realidade humana tenta mostrar que este existente não é “temporal” pelo fato de encontrar-se na história, mas ao contrário, se ele não existe e não pode existir senão historicamente, porque ele é temporal no fundo do seu ser. E diz Heidegger: “a interpretação da historicidade da pre-sença se comprova, portanto, apenas como uma elaboração mais concreta da temporalidade”. Isto significa dizer que esta temporalidade sai de dentro dela mesma na medida em que a autoconsciência só se dá através da experiência interna do tempo. Como ele diz: “o futuro não é posterior ao passado e este não é anterior ao presente. A temporalidade se temporaliza como futuro-que-vai-ao-passado-vindo-ao-presente”.

“Determinou-se a decisão como o projetar-se silencioso e prestes a angustiar-se para o ser e estar em débito em sentido próprio”. A decisão, abrir-se para se determina a partir da abertura para as possibilidades do acontecer; o acontecer acontece quando se abre para a possibilidade. A consistência do ser se determina na temporalidade. Por isso, diz Heidegger: “é no ambiente da temporalidade que devemos buscar um acontecer (possibilidade) que determine a existência como histórica”. Isto quer dizer ainda, que é com a abertura, o abrir-se às possibilidades que se tem a existência da história; a história é possível a partir do acontecer no projetar-se para.

Só é autêntico quem vivencia para a morte, a sua compreensão originária. Existir é ser lançado aí, se abre até o fim e existe até à sua propriedade, ou ser ele mesmo.

O ser histórico é um ser que se assume para o seu tempo. Nós podemos nos assumir com a queda de nós mesmos. Ou mais, nós temos que ter a capacidade de nos reavaliarmos e nos erguermos, mudar o sentido da nossa história, porque nós temos que descobrir a nossa capacidade de tirar para fora as possibilidades fatuais da nossa existência. Segundo ainda Heidegger: “o projetar-se antecipador para a possibilidade insuperável da existência, ou seja, para a morte, apenas garante a totalidade e a propriedade da decisão”. No entanto, esse projetar-se para, também nos garante a possibilidade da consistência. Por outro lado, a antecipação da morte nos impossibilita o acontecer. O mundo nos oferece inúmeras possibilidades; simplificar

a possibilidade de bem-estar é esquivar-se da angústia e é exatamente por esta angústia que se tem o caminho para a busca das novas possibilidades. Por outro lado, é neste embate, luta, é que se tem o caminho para a busca das novas possibilidades. É neste embate que nos constituímos em ser humano. O destino é o assumir-se no seu ser mais próprio. Quando se é para o seu tempo se é para um ser histórico. Como condição ontológica, de sua possibilidade, segundo Heidegger: “o destino exige para seu ser a constituição da cura, isto é, a temporalidade. Somente na medida em que a morte, débito, consciência, liberdade e finitude convivem como na cura, de modo igualmente originário, no ser de um ente, é que ele pode existir no modo do destino, ou seja, é que ele pode, no fundo de sua existência, ser histórico”. Como nos é indicado, sendo o ente em seu ser sendo essencialmente de possibilidades, do acontecer, ele está livre para a morte, e com isto, dentro dessas possibilidades, ele poderá estar livre para o seu relançar no aí, possibilitando a possibilidade do acontecer, o estar-lançado para o “seu tempo”, tornando, então, “possível o seu destino, isto é, a historicidade em sentido próprio”.

A constituição fundamental da historicidade do ser-situado de fato sempre possui a sua “história”, e pode possuí-la porque o ser deste ente se constitui de historicidade. Isto significa dizer que o ser do ser-situado é a sua consistência, do caráter de tudo aquilo que é reconhecido como tendo realmente acontecido ou realmente existido em seu passado. Temos ainda como exemplo, a condição da existência humana que, embora comprometida com o tempo e solidária com o passado histórico, define-se por sua projeção livre no futuro: a análise da historicidade da realidade humana tenta mostrar que este existente não é “temporal” pelo fato de encontrar-se na história, mas ao contrário, se ele não existe e não pode existir senão historicamente, porque ele é temporal no fundo do seu ser

E diz Heidegger: “a interpretação da historicidade da pre-sença se comprova, portanto, pensa como elaboração mais concreta da temporalidade”.²

Isto significa dizer que esta temporalidade sai de dentro dela mesma na medida em que a autoconsciência só se dá através da experiência interna do tempo. Como ainda na citação de Heidegger: “Determinou-se a de-cisão como projetar-se silencioso e prestes a angustiar-se para o ser e estar em débito em sentido próprio”.³

A de-cisão abrir-se para se determinar a partir da abertura para as possibilidades do acontecer; o acontecer acontece quando se abre para a possibilidade. A consistência do ser se determina na temporalidade. Por esta razão, em Heidegger ele diz que “é no ambiente da

² Ibid. p. 188.

³ Ibid. p. 188.

temporalidade que devemos buscar um acontecer (possibilidade) que determine a existência como histórica”. Isto vem a nos dizer ainda, que é com a abertura, o abrir-se às possibilidades que se tem a existência da história; a história é possível a partir do acontecer no projetar-se para.

O ser histórico é um ser que se assume para o seu tempo. Nós podemos nos assumir com a queda de nós mesmos. Ou mais ainda, nós temos que ter a capacidade de nos reavaliarmos e nos erguermos, mudar o sentido da nossa história, porque nós temos que descobrir a nossa capacidade de tirar para fora as possibilidades fatuais da nossa existência. O que para Heidegger: “O projetar-se antecipador para a possibilidade insuperável da existência, ou seja, para a morte, apenas garante a totalidade e a propriedade da de-cisão”.⁴

No entanto, esse projetar-se para, também garante a possibilidade da consistência. Por outro lado, a antecipação da morte nos impossibilita o acontecer.

O destino é o assumir-se no seu ser mais próprio. Quando se é para o seu tempo, se é para um ser histórico. Como condição ontológica, de sua possibilidade, que, segundo Heidegger:

O destino exige para seu ser a constituição da cura, isto é, a temporalidade. Somente na medida em que a morte, débito, consciência, liberdade e finitude convivem, como na cura, de modo igualmente originário, no ser de um ente, é que ele pode, existir no modo do destino, ou seja, é que ele pode, no fundo de sua existência, ser histórico.⁵

Como nos é indicado, sendo o ente em seu ser essencialmente de possibilidades, do acontecer, ele está livre para a morte, e, com isto, dentro dessas possibilidades, ele poderá estar livre para o seu relançar no aí, possibilitando a possibilidade do acontecer, o estar lançado para o “seu tempo”, tornando, então, “possível o seu destino, isto é, a historicidade em sentido próprio”.

Quando Heidegger afirma que o ser-situado somente pode sofrer golpes do destino, é porque ele é o destino, porque dentro das possibilidades das possibilidades ele é quem “fez” (ou se fez) o seu próprio destino, porque esta foi a sua possibilidade de ser. Ou mais ainda, a possibilidade de ser-no-mundo, abre-se uma gama de “opções”, e faz com que ele fique passivo a todas as condições circunstanciais daquilo que ele fez de (ou para) o seu destino. E com isto, não “haveria” o acaso, pois este seria simplesmente aquilo que estaria “fora” da sua “escolha”.

Heidegger diz mais que não “é pelo choque de circunstâncias e dados que emerge o destino”. Isto é, não é o sujeito que coloca as circunstâncias em confronto para decidir este ou aquele destino, porque não se pode fazer comparações antes de se decidir. Além do mais, as coisas estão aí e o sujeito é um ser passivo de todas as possibilidades, então, o seu destino é

⁴ Idem p. 191.

⁵ Idem p.191.

“escolhido” de acordo com essas possibilidades que estão aí, assim sendo, o sujeito “escolhe” aquela que lhe venha a “oferecer melhores condições” para o seu destino. Segundo ainda Heidegger: “ainda mais do quem escolhe, também o in-de-ci-so é enredado pelas circunstâncias e dados, embora não possa ‘ter’ destino”. Isto vem a nos dizer que mesmo aquele que “escolhe” não decidir o seu destino já passa a tê-lo.

O que temos também, é que a antecipação da morte, para o ser-situado, é praticar o domínio de si, é o apoderar-se de si mesmo, é a sua “auto apreensão”. Ainda temos, que a liberdade para a morte, que Heidegger denomina como “*potência maior* de sua liberdade finita”, é o se compreender para a morte, é ter para si a experiência de sua singularidade, é a supressão do simplesmente estar-no-mundo e a descoberta do poder-ser que é a sua liberdade finita; assim sendo, o ser-situado ao assumir-se na escolha do ter escolhido a “vivência”, o *despojamento* de suas forças para o enfim “estar entregue a si mesmo”, adquirindo a capacidade, conforme Heidegger, “de ver com clareza, os acasos da situação que se abriu”. Caso contrário, se o ser-situado não estiver em plena “liberdade de escolha” de um destino, ele passará, enfim, a existir “essencialmente como ser-no-mundo no ser com os outros”, assim sendo, o seu acontecer não será mais um acontecer *próprio* e sim um acontecer confundido com os demais *aconteceres*. Neste trecho quando Heidegger diz que: “É somente na participação e na luta que se libera o poder do envio comum”; assim, ele nos remete a Karl Marx que quando ele diz que o homem somente se liberta a partir do seu trabalho, pois o homem é livre em sua escolha, ou seja, o homem pode desviar-se do *determinismo*. Como em Heidegger, do simplesmente estar no mundo. Fazendo-se um paralelismo à filosofia da natureza em Marx, temos “Para o jovem Marx liberal, o universo resultante de átomos cuja variação de peso propicia a declinação, de átomos que são “livres” para se desviar do determinismo de seu trajeto de queda...”⁶

Para Heidegger, enquanto o ser-situado permanece impotente, ou seja, entregue a si mesmo, o *destino* prevalece com a sua potência e o conduz, projeta-o para a morte, à sua singularidade maior, o *limite* da sua possibilidade e originalidade de ser. Estar sempre pronto a “enfrentar-se” e às intempéries do ser-estar-no-mundo.

Finalmente, o que vemos em Heidegger, é que o destino se constitui naquilo que efetivamente se viveu na sua temporalidade porque para ele, a história não possui seu peso essencial nem no passado, nem no hoje e nem em seu nexos com o passado, porque o acontecer é o próprio da existência do indivíduo e esse acontecer é o porvir do ser-situado que está sempre

⁶ MARX, Karl: *Diferença Entre as Filosofias da Natureza de Demócrito e Epicuro*, Ed. Global, São Paulo, 1979, p.9.

na condição das possibilidades. Assim sendo, o destino é o que determina, por antecipação, o que seria mais ou menos capaz de governar a história, ou ainda como em Heidegger, “a transmissão antecipadora no pré do instante, que reside na de-cisão”. Mais ainda, a personificação de tudo aquilo que seria capaz de governar o existente no universo. O determinismo, ou seja, a decretação do ser determinado ater-se à herança legada, que é o seu destino para a morte. O “entre” está entre o nascimento e a morte é o contexto da vida é uma sequência de vivências no tempo e esta sequência de vivências está na temporalidade e o existir é situar-se *aí* e morrer no silêncio. É necessário que se morra, porque nascendo já se está morrendo.

A experiência da morte é que estamos *aí* a partir do mundo (ser é como estar junto no mesmo mundo). À medida que eu deixo de por para fora para ser o que eu sou, eu morro de mim mesmo. Quando deixo de por para fora este ser, eu estou morrendo de mim mesmo que é o mesmo que a morte na vivência é o próprio acabamento.

Parágrafo 75 - A historicidade da pre-sença e a história do mundo.

“A pre-sença se compreende a partir do vem ao encontro do mundo circundante e daquilo de que se ocupa numa circunvisão”. Esta compreensão não é um mero registro de si, que apenas acompanharia todos os comportamentos da pre-sença. “A compreensão significa o projetar-se em cada possibilidade de ser no mundo, isto é, existir como essa possibilidade“. Melhor dizendo, é a compreensão enquanto compreensão, seria o desvelar aquilo que está oculto dentro de nós mesmos, seria também desmistificação do acontecer sob o modo do destino, essa desmistificação se dá a partir do mundo circundante, daquilo que vem ao nosso encontro. Há essa interdependência entre o ser e o mundo, e, dentro dessa relação ser e mundo, há uma luta contra tudo aquilo que nos desumaniza. O que vem ao nosso encontro é aquilo que nós descobrimos no mundo. A história do mundo é a história do nosso mundo, é a história que criamos para esse nosso mundo; a partir da abertura para o acontecer, para as possibilidades, estamos traçando a história desse nosso mundo. Finalmente, ser objetivo ao nível da história é ser subjetivo, ou seja, é se colocar naquela vivência, ter objetividade na sua pesquisa, ou mais, procurar vivenciar aquilo que já viveu ou então aquilo que não viveu.

Conclusão

Ser e Tempo tenta elucidar a questão do Ser, é a questão mais fundente, ele mostra uma desconstrução (fazer um sentido originário - o pré-conceito - o início, o princípio do conceito). O Ser é tudo o que é; o *é* é o ente. Isto leva a impossibilidade de definir o ser - o Ser é ente maior, ele viu o ser além do ente. O ente maior é o Ser. Ele à busca do que é o Ser.

Começando pela identidade. Qual é a identidade? O ente é o homem. Existir é situar-se aí. O homem é que põe em questão de si mesmo. Este ente é essência que é o existir.

Existir é situar-se *aí* e morrer no silêncio. A temporalidade (temporalidade se temporaliza como futuro-que-vai-ao-passado-vindo-ao-presente) é o horizonte, saltar do momento presente, só o presente é a existência, mas o existir se dá como um saltar no momento presente, essa existência é um desdobrar, e, por ser uma possibilidade pura, permite para saltar para. Desdobro-me naquilo que posso ser, é a possibilidade pura, é o que constitui a possibilidade pura, é o que constitui a temporalidade. Nós somos a possibilidade pura.

Segundo ele, desdobrar-se significa pôr-se para fora, é o próprio contexto da vida.

Deixemos de lado o “entre”; o “entre” está entre o nascimento e a morte é o contexto da vida é uma seqüência de vivências no tempo. A seqüência de vivências se dá na temporalidade.

É necessário que se morra, porque nascendo já se está morrendo.

A experiência da morte é que estamos aí a partir do mundo (ser é como estar junto no mesmo mundo); “eu tenho a experiência do acabamento”. O fato da morte é o sentimento da perda. Aquele que morre não tem a experiência da morte e sim aquele que fica. A experiência da morte não se dá com a vivência da morte, pois não temos a vivência da morte do outro e sim a experiência.

À medida que eu deixo de por para fora para ser o que sou, eu morro de mim mesmo. Quando deixo de por para fora este ser, eu estou morrendo de mim mesmo.

Eu sou um ser único, não sou isso nem aquilo, mas poder ser, como pode no poder ser, me torno uma possibilidade de uma impossibilidade.

À medida que se pode ser ou não ser ou não ser de mim mesmo, deixo de ser.

A morte na vivência não é o acabamento, é morrer de mim mesmo, e, a partir do momento que se dá de si se prepara para a morte; não para o acabamento mas para um novo nascer.

Para finalizar, em nosso entendimento, Heidegger faz uma reflexão sobre o sentido da história. Relaciona a história com a historicidade, se funda no fenômeno da temporalidade.

Lançar-se aí é o tempo. Nascimento e morte são unidades possíveis - nós somos possibilidades.

Unidade possível é aquilo que ela pode ser a possibilidade de não ser, a impossibilidade.

A morte é um fato, a morte do outro nos dá como acabado, no entanto, a morte só é um acabamento à luz do mundo. Mas esse acabamento é para aquele que ficou nesse mundo, mas para quem morre não é um acabamento, mas sim um início de uma nova situação; o acabamento de um é início para outro.

O mundo do existir é o mundo de cada um. À medida que vivemos, constituímos o mundo de todos, à luz desse mundo; à luz desse mundo é que vemos o acabamento do outro, por esta razão, não convivendo neste mundo ele acaba para o mundo.

Vivenciar-se é viver para a sua morte. A vivência da morte é para aquele que morre, não é o acabamento; por isso diz Heidegger: “o suicida não pretende o acabamento, mas sim uma mudança”.

Referências bibliográficas

COMTE-SPONVILLE, André. *O Ser Tempo*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, parte. II. 7ª edição; Editora Vozes;Petrópolis, 2000.

MARX, Karl: *Diferença Entre as Filosofias da Natureza de Demócrito e Epicuro*, Ed. Global, São Paulo, 1979